



Sumário

Prefácio de Elma Sant'Ana	11
Prefácio de Rosane Kern.....	13
Apresentação.....	15
Um tantinho de mim	17
Nos braços do grande benzedor: Gilberto.....	23
Minha ancestral benzedeira: Vó Eni	27
O que é benzer?.....	31
História e origem do benzimento.....	35
Religiosidade e espiritualidade.....	41
Quem é Deus?	45
O que é rezar?	49
Quem pode ser benzido?.....	57
Crenças e mitos	61
A moeda de troca	67
O rito de benzer	73

O rezo.....	77
O sinal da cruz.....	81
O número	85
As ferramentas de benzer.....	89
As mãos do benzedor	97
Benedores do Plano Astral	101
Zola: ela é um pouco de mim e eu sou um tanto dela..	105
Benzimento feito à distância.....	111
Presente da casa do benzedor.....	115
Como manter a energia de quem benze purificada....	119
Perpetuando o benzimento.....	123
Benzimento da Nova Era.....	129
Conclusão	133

Prefácio

Elma Sant'Ana
Pesquisadora, folclorista

Não sou benzedeira, nem parteira, mas estes temas sempre me fascinaram. O primeiro, trata da fé e da valorização das pessoas, cujas almas trazem as verdades do passado. O segundo, trata da vida.

Resgatar as benzedeiros e parteiras, com os seus saberes tradicionais femininos, faz parte da minha missão como pesquisadora, folclorista, e principalmente como mulher.

As benzedeiros estão presentes em nossa sociedade de forma significativa, em nossas memórias familiares, em nosso universo mágico-infantil. Dentro da medicina popular no Rio Grande do Sul, é a benzedeira que faz uso de todos os métodos não-ortodoxos no exercício da cura.

E nesta procura de histórias de vidas de benzedeiros, nestes encontros holísticos que participo como palestrante, tive a oportunidade de conhecer Jacqueline Naylah, no Seminário Brasileiro de Benzedeiros, realizado em Porto Alegre, no ano de 2016. Sentei ao seu lado, na mesa dos conferencistas. Jacqueline amamentava seu filho, com poucos

dias de vida. Gostei daquela imagem e dos seus dizeres. Reconheci naquela jovem mãe a benzedeira do futuro.

Voltamos a nos encontrar no Seminário de Benzedei-
ras e Benzedores em Alegrete, na fronteira oeste do Rio
Grande do Sul. Jacqueline Naylah ministrava um curso de
benzimento a uma assistência atenta aos seus ensinamentos.
Se identificou como bióloga, biopatologista, terapeuta ho-
lística e herdeira de benzedei-
ras – o que me chamou espe-
cial atenção. Seu filhinho, agora um pouco maior, tocava
com suas mãos as velas, as ervas e todo o material organiza-
do pela sua mãe-benzedeira – ambos sentados no chão, in-
teragindo com os participantes. Ouvi atentamente suas his-
tórias, sua linha do tempo, a arte de benzer herdada de sua
vó Eni e como ela renasceu para o benzimento. Lembrou
de alguns ditos antigos, como quando nascia uma criança,
as parteiras erguiam o bebê no colo e diziam: “Com saúde,
benza a Deus!”. Este era o primeiro contato do bebê com a
arte de benzer. Falou dos benefícios das ervas, do fogo, da
magia do sol e da lua, das alquimias.

Com certeza, nas mãos de Jacqueline Naylah, as ben-
zedei-
ras nunca morrerão. Sua bagagem, sua ancestralidade,
seus recursos e conhecimentos da área acadêmica fazem
parte de sua missão, da sua sacralidade feminina, em vários
aspectos expostos na sua obra *Eu te Benzo*, de uma forma
transparente, através de uma leitura dinâmica e “leve como
a alma de toda benzedeira”.

Boa leitura!

Prefácio

Rosane Kern

Psicóloga e Benzedeira

Então, num belo dia, a Jacque me pede para prefaciar seu livro... meu coração se encheu de honra e orgulho, desses que as mães têm dos filhos, pois com certeza este sentimento, entre tantos outros, já permeou nossos encontros por “outras vidas”: mãe e filha e/ou filha e mãe.

Conheci a Jacqueline em dezembro de 2015 num curso de benzimento sediado por mim. Há muito eu procurava um curso assim... há muito eu procurava a Jacque, sem saber que ambos existiam. Procurava alguém que me auxiliasse na minha conexão com o sagrado, com a minha ancestralidade, com a minha essência, e que amasse gente... todas as “gentes”. E assim foi, encontrei essa menina/mulher/moleca/anciã, com um sorriso enorme, do tamanho da sua sabedoria e do seu coração, que tem o olhar profundo da preta velha e o baillado leve da cigana. Mãe de dois e de muitos, divinamente apaixonada pelo Gilberto.

Essa guria – que além de ciganear por esse mundão espalhando sabedoria, respeito e amor – agora “escreve-se” em forma de livro. Um livro pra ser saboreado, pra ler devagarinho e

atentamente, como se a gente tivesse sentada num banquinho ouvindo a Zola e a Naylah. Um livro cheio de místicas, mas que desmistifica conceitos que foram pré-concebidos ao longo de nossa história. Um livro que ensina e deixa o espaço para o saber individual de cada leitor. Um livro para quem quer benzer e ser benzido.

Apresentação

Muitas vezes fui questionada por alunos, clientes e colegas sobre como deveriam me chamar: mestre, yalorixá, mãe, mentora etc.

Das minhas formações – tanto acadêmicas como espiritualistas – essas titulações são reais e certificadas. Mas quem já me ouviu em algum curso ou palestra irá lembrar que minha fala de apresentação é: meu nome é Jacqueline Naylah, podem me chamar de Jacqueline, de Jacque ou de Naylah.

Sempre idolatrei meu nome, acredito que não há nada que cultue mais minha ancestralidade do que ser chamada da forma como meus pais escolheram me chamar. Meu nome é a esperança de um futuro brilhante, é o nome do amor incondicional, é o nome dado por quem me carregou no ventre, me pegou nos braços, olhou em meus olhos, desejou meu crescimento, me fez o que sou.

As titulações são apenas um certificado a mais na gaveta, pois perante o Universo estamos todos no mesmo plano, no aqui e agora.

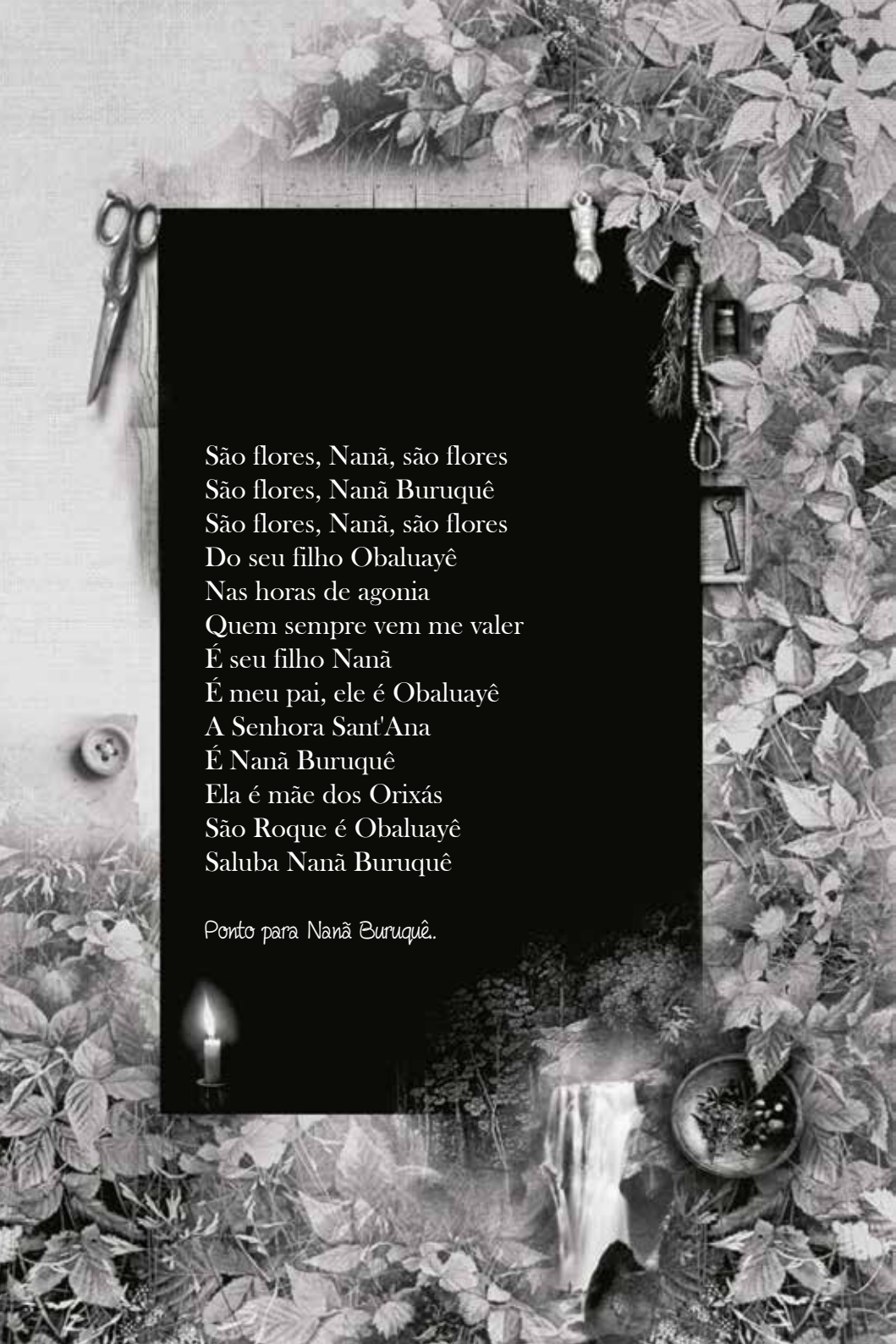
Quem fez um dos meus cursos ou assistiu uma das minhas palestras também irá lembrar que minha fala sempre é concluída com: eu seguirei, pois cada um de vocês é a manifestação da cura em mim. Por vocês, hoje, eu saio mais curada.

É uma honra encontrar muitos Deuses e Deusas no caminho, eu vos reverencio!

*Jacqueline Naylah.
Jacque, como diria meu pai.*




Um tantinho •
de **mim**



São flores, Nanã, são flores
São flores, Nanã Buruquê
São flores, Nanã, são flores
Do seu filho Obaluayê
Nas horas de agonia
Quem sempre vem me valer
É seu filho Nanã
É meu pai, ele é Obaluayê
A Senhora Sant'Ana
É Nanã Buruquê
Ela é mãe dos Orixás
São Roque é Obaluayê
Saluba Nanã Buruquê

Ponto para Nanã Buruquê.



Minha vida daria uma biografia de inúmeras páginas, mas aqui tentarei (juro que tentarei) ser breve, pois a proposta deste livro é ser leve, tal como a alma de toda benzedeira.

Esta obra está sendo escrita em meus trinte e seis anos, mas sinto que já estou há tanto tempo nessa mesma carcaça... deve ser pelo tanto que já vivi, o tanto que já caí, o tanto que já me reergui.

Nasci em Porto Alegre, de uma família com raízes no benzimento (família materna) e na afro-religiosidade (família paterna). Família grande, mas com encontros pontuais (aniversários, datas festivas). Sempre fui a bonequinha do papai e assim eu era vista por muitos de meus familiares, e assim eu me sentia: a ovelha distinta.

Aos cinco anos de idade vi minha mãe tendo uma crise convulsiva, entrando em coma. Ela despertou após 5 horas, mas dali até hoje eu sei que parte da minha mãe ficou naquela crise. Em todos esses anos, por inúmeras



vezes, vi minha mãe com lapsos de memória, com crises de bipolaridade, entrando em processos de depressão. E assim ainda é. Confesso que ainda hoje eu me pego pensando o que poderia ser diferente e assim tento fazer diferente a cada dia, no meu papel de mãe. Talvez até mãe da minha própria mãe.

Aos meus nove anos eu ganhei um irmão, meu único irmão. Sabem aquele momento do nascimento de uma criança em que todos festejam? Não houve festa! Meu irmão nasceu portador da Síndrome de Down e meus pais tiveram a pior crise que eu poderia ter visto – aos nove anos – sem compreender absolutamente nada. Eu apenas ouvi que dali por diante meu irmão teria cuidado absoluto e que eu deveria cuidar de mim mesma.

Aos quinze anos meu irmão foi diagnosticado com leucemia mieloide aguda, ficou internado e realizou mais de cem sessões de quimioterapia. Sobreviveu.

Meus pais passavam boa parte do tempo no hospital e eu fazia de tudo para chamar a atenção deles de alguma forma: um dia eu chegava tarde da noite em casa, no outro eu apresentava meus boletins com as melhores notas da escola. Um dia eu era a pior filha, no outro a melhor filha.

Vixxiiiiii, mas quanto drama, não é mesmo? Até vou encurtar!

Depois do quinze vem uma avalanche de episódios: entrei para a faculdade, namorei, fiquei grávida, casei, divorciei, entrei para o universo holístico, fiz pós-graduação, realizei inúmeros cursos, meu pai faliu, o galo cantou, o pinto piu.

A vida me consumiu... e aos 26 anos eu estava em um quadro sensível de saúde, acometida por doenças no útero, doenças da mente, doenças da alma. Na época eu acumulava diplomas da área científica e diplomas da área holística e não compreendia como um ser humano que já havia passado por inúmeros testes na vida e com todo conhecimento do corpo e da energia poderia estar naquele momento pesando 38kg (SIM, VOCÊ NÃO LEU ER-RADO – TRINTA E OITO), em profunda depressão, tendo um filho pequeno que se inspirava na mãe para crescer.

E foi nessa posição de vítima que eu entrei pela jornada em busca da fé. E como boa escorpiana que sou (calma, não desistam de mim, sou uma ótima pessoa), com todo meu pulsar de intensidade, fui buscar a fé em todos os lugares que abriam as portas: cristianismo, evangélica, hinduísmo, budismo, johrei, arte mahikari, candomblé, doutrina espírita, umbanda, nação. Em todas elas eu fui muito bem recebida. Em todas elas eu vi respeito, amor, verdade e beleza. Todas elas fazem de mim o que sou hoje. Em cada uma delas eu estudei o que era proposto, mas



não compreendia que o que eu procurava deveria partir de outro lugar.

Completamente desesperançosa, vagando pelo mundo sempre cabisbaixa, refletindo sobre como acionar a fênix de toda escorpiana (emergindo do fundo do poço), encontrei Gilberto. Gilberto foi e ainda é tão importante em minha vida que para ele eu dedico um novo capítulo.